

## gastronomia e anarquismo — vestígios de viagens à patagônia trapeiro

christian ferrer\*

### As expedições

Quatro são os pontos cardeais e quatro os homens significativos que entraram pela Patagônia no final do século XIX. Pelo norte, o General Julio Argentino Roca no comando de um exército; pelo sul, o anarquista Errico Malatesta junto a outros quatro companheiros de idéias; pelo leste, duzentos imigrantes galeses que desembarcaram num navio chamado *Mimosa*, um tipo de *Mayflower* para a região do Chubut, em busca de uma nova vida; e pelo oeste, através de terras araucanas, o francês Orllie Antoine de Tounens, fidalgo provinciano falido que pretende um cetro e uma coroa. A Patagônia foi invadida por um militar, que seria em breve Presidente da Argentina; por um rei de opereta; por um anarquista fugitivo do governo italiano; e por colonos cujo líder, Lewis Jones, acreditava num vago ideário socialista de inspiração fabiana. Cada um deles tinha em

\* Professor na Universidade de Buenos Aires.

mente um modelo de organização coletiva: a Comunidade corresponde aos colonos; o Império ao auto-assumido Rei de Araucânia e Patagônia; o Estado-nação ao General Roca, e, por último, a Revolução Mundial aos anarquistas. Cada uma destas expedições patagônicas deixou restos históricos, emblemáticos, espirituais, e inclusive gastronômicos, que, excetuando a crônica da incursão estatal-militar, foram se dissolvendo no esquecimento, e resultam ser diáfanos para os argentinos de hoje em dia; no máximo, anedotas. Esses vestígios históricos estão enterrados à flor da terra: sobrevivem frágeis nas lendas populares da região ou nos rumores excêntricos de lembranças. Certamente: o Estado se ocupa de divulgar as façanhas unificadoras do território e de incrustá-las nos programas curriculares difundidos nas escolas e universidades. Os outros só podem esperar a piedade histórica que se transmite de boca a boca, as cavidades carnis que amparam a história social de um povo. Em certas ocasiões, uma só pessoa no mundo lembra o que passou.

Na metade do século XIX, a Patagônia era sinônimo de território desconhecido, vento furioso, espaço gigante, semidespovoado e jamais medido, de terras de índios Tehuelches e Mapuches. Circulavam ainda lendas improváveis sobre a existência do *El Dorado*, a cidade coberta de ouro que buscaram insistentemente os conquistadores espanhóis, desta vez num dos últimos territórios ainda inexplorados da América do Sul. Longe de sua longa costa, onde de vez em vez se detiveram exploradores, baleeiros ou fornecedores dos escassos portos ali estabelecidos, o interior patagônico era terra de ninguém, isto é, de indígenas; era *La Tierra*, tal como a chamavam os Mapuches, seus habitantes primeiros. Só alguns pioneiros e os eternos trapeiros que comercializavam com os índios conheciam os caminhos

do interior. O autêntico governante da Patagônia no século XIX era o vento, cujas borrascas fogosas alcançavam, em seu momento de esplendor, cento e vinte quilômetros por hora. Ao terminar o dia, o silêncio transparente e a noite austral, espelhos simétricos, fundiam-se suavemente. Patagônia era uma palavra escrita num mapa vazio, em que os governantes argentinos recentemente liberados de sua longa guerra civil vigiavam ansiosa e cobiçadamente desde Buenos Aires, preocupados com as possíveis reclamações chilenas ou européias.

### **Colonos e soldados**

Alguns galeses fugiam da intolerância religiosa; e todos eles, dos ingleses. Em 1865, os colonos desembarcaram no *Golfo Nuevo* e se embrenharam pelo vale do rio *Chubut*. Lutaram contra as intempéries e fundaram povoados ao longo das margens: Madryn, Rawson, Gayman, Trevelyn. Por muitos anos, seus vizinhos habituais não seriam os argentinos, mas os índios Tehuelches, que, pedintes por natureza, solicitavam constantemente comida e todo tipo de objeto. A troca se fazia em linguagens intraduzíveis em Buenos Aires: em galês e em tehuelche. Pouco depois de chegar, morreu o primeiro dos colonos e foi enterrado num cemitério consagrado, atrás da capela protestante. Foi então que a cidade dos imigrantes concluiu a primeira rotação sobre si mesma. Esse cemitério, já repleto, foi fechado na década de 1930. Mesmo assim, o último dos imigrantes originários foi enterrado nesse primeiro campo-santo, reaberto exclusivamente para este último dos primeiros. Lentamente, os galeses se miscigenaram, e o vale do rio Chubut começou a ser compartilhado com outras correntes migratórias, incluindo argentinos.

Anos mais tarde, em 1878, o governo argentino começaria a ocupação final da Patagônia mediante um movimento militar obstinado, chamado oficialmente “a conquista do deserto”, isto é, a subordinação dos donos originais ao Estado argentino. Para liquidar com o “problema do índio” foi enviado um exército sob comando do Ministro de Guerra, Julio A. Roca, cuja missão supunha ultrapassar a linha de fronteira estabelecida, décadas anteriores, com os índios por meio de uma série de fortins, e derrotar de maneira drástica as tribos Ranqueles, Pehuenches, Pampas, Mapuches e Huiliches. Eram 6000 soldados organizados em 5 divisões de exército contra 2000 combatentes indígenas dispersos. Eram fuzis e telégrafos contra lanças e boleadeiras. Em 25 de maio de 1879, o impulso beligerante desse exército havia deixado para trás a terra arrasada e acabado com o poder do último *capitanejo* indígena. O General Roca dá por finalizada a expedição ao chegar às margens do Rio Negro. Morreram 1300 índios, foram feitos 10500 prisioneiros, e 55 milhões de hectares foram incorporados ao mapa do Estado argentino. Pouco tempo depois, nesses territórios, foi fundada uma cidade que até os dias de hoje preserva sua origem toponímica militar: Forte General Roca. O destino posterior do Comandante seria a política, tendo se transformado durante as décadas seguintes no “grande árbitro”. Militar, político, sempre seria um Homem de Estado. Mesmo assim, a ocupação definitiva da Patagônia levaria dez anos mais de escaramuças com os indígenas localizados mais ao sul.

## **O rei**

Duas décadas antes, pelo leste, desde o Chile, um homem solitário que sonha com impérios, cruza a Cor-

dilheira dos Andes. Tem trinta e cinco anos. Fora procurador em Périgueux e ávido leitor de livros de geografia e de viagens de exploradores. O esforço rotineiro, sem proveito algum, se decantou a favor de uma viagem à América do Sul para tentar a sorte e conquistar terras. Em 1858, desembarca no porto de Coquimbo, no Chile. Durante os dois anos seguintes, e ainda antes de pisar os territórios onde os araucanios viviam alheios aos desígnios estatais do governo chileno, já se munira de uma bandeira, um escudo e uma constituição para seu futuro reinado. Em 1860, junto a dois comerciantes franceses que costumavam traficar miudezas e maus hábitos com os índios, e que prometera os elevar à posição de ministros, adentra-se pela Araucania. Aos poucos, sobre uma mula, chegou à terra que se prometera a si mesmo. Em 17 de novembro de 1860, apenas conseguido um tímido e ambíguo apoio dos caciques indígenas, Orllie Antoine emite um decreto proclamando-se a si próprio Rei de Araucania. Em seguida, envia uma comunicação postal ao Presidente do Chile, Manuel Montt, anunciando a boa nova; notícia que o governo chileno ignorou por completo. Um rei sem exército não supõe um problema, por mais que o primeiro número romano substituísse o sobrenome Tounens. Três dias depois, com outro decreto, anexa a Patagônia argentina inteira a seu reino, batizando-a com o nome de *Nouvelle France*. A primeira aventura araucana de Orllie Antoine termina abruptamente em janeiro de 1862, quando, traído por dois de seus guias e insolentes chilenos, é capturado por um destacamento militar. Nesse momento, o governo do novo presidente José Joaquín Pérez estava medianamente alarmado diante da possibilidade de uma sedição indígena induzida e liderada por um maníaco francês. Dois anos de disputas com os índios e de patético reinado se desfazem lentamente numa prisão chilena, onde permanece por nove

meses. É julgado, e condenado à reclusão na Casa de Orates de Santiago de Chile, humilhação da qual é salvo pela oportuna intervenção do Cônsul da França em Valparaíso, que consegue repatriá-lo a Paris. Foi destronado. Durante o “desterro” francês, que dura de 1862 a 1869, tornar-se-ia objeto de zombaria ou de curiosidade. Mas o homem é incansável. Publica um periódico próprio, lança um manifesto, exaure o senado francês com uma petição depois da outra. Em 1869, desembarca novamente em San Antonio, costa argentina da Patagônia, e atravessando os pampas desemboca entre as tribos araucanas do Chile. Um de seus acompanhantes chamava-se Eleuterio Mendoza, que bem poderia ser o nome de um anarquista. Perseguido pelo exército chileno, volta a cruzar a cordilheira no sentido inverso e chega ao porto de Bahía Blanca, quase onde havia iniciado a reconquista de seus territórios. Era julho de 1871. Embarca para Buenos Aires, onde é entrevistado por vários jornais. *La Tribuna*, que seria o órgão político do “roquismo”, surpreende-se ironicamente de que o governo argentino “não havia feito a recepção devida a sua alta patente”. Em abril de 1874 tenta por terceira vez chegar a seus súditos. Saindo de Buenos Aires no barco *Pampita* viaja até Bahía Blanca, onde é reconhecido, detido e expulso rapidamente para a França. Dali em diante viverá numa corte de mentira, rodeado de ministros sem poder e de vários aventureiros que inauguravam as seções da corte cantando o hino do Império a toda voz. Outorgava títulos de nobreza e vendia moedas acunhadas de um reino inexistente, de valor unicamente numismático, pois nem sequer em sua falsa corte eram aceitas como meio de pagamento. Curioso: enquanto compartilhou as rotas dos Mapuches apenas o antigo método da troca permitiu-lhe sobreviver. No final, acossado por seus credores, refugiou-se na região de Dordoña, onde ganhou o pão de cada dia com o ofi-

cio de lampadeiro público no Município de Tourtoirac, até 19 de setembro de 1878, quando o Rei da Araucania e da Patagônia foi chamado a visitar um reino superior.

## O anarquista

Errico Malatesta nasceu em 14 de dezembro de 1853, em Santa Maria Capua Vetere, uma cidade presidiária. Seus pais eram modestos latifundiários, de idéias liberais. Quando Malatesta tinha catorze anos escreveu uma carta, insolente e ameaçadora, dirigida ao Rei Vittorio Emmanuele II. A polícia levou a correspondência muito a sério: foi detido e apenas conseguiu salvar a roupa. O prognóstico do seu pai não foi alentador: “pobre filho, não gosto de dizer isto, mas deste jeito você vai acabar na forca”. Depois de saber da insurreição de Paris, em 1871, aderiu às idéias da Internacional, e com dezessete anos viajou para Suíça, para conhecer Mikhail Bakunin. Dali em diante, transformou-se num dos revolucionários mais famosos de seu tempo. Editou o periódico *La Questione Sociale*, primeiro em Florença, entre 1883 e 1884, depois em Buenos Aires, entre 1885 e 1886, e por último em Nova Jersey, entre 1899 e 1900. Organizou grupos de companheiros, sindicatos e publicações, liderou revoltas, escreveu alguns livretos, sobretudo procurou unir a “família anarquista” e salvá-la de suas tendências centrífugas. Com o tempo, editaria também os jornais *L’Associazione*, *L’Agitazione*, *Volontà*, *Umanità Nova* e *Pensiero e Volontà*. Passou trinta e cinco anos de sua vida no exílio, difundindo “a idéia” pela Espanha, França, Suíça, Inglaterra, Portugal, Egito, Romênia, Áustria-Hungria, Bélgica, Holanda, Estados Unidos, Cuba e Argentina. Em 1874, foi preso pela primeira vez por liderar uma insurreição em Apulia. Três anos depois, no comando de um grupo de anarquistas, Malatesta

ocupa a aldeia de Letino, onde, na presença dos camponeses, destitui o Rei Vittorio Emmanuele e ordena queimar os registros fiscais da região. O grupo anarquista se dirigiu depois ao povoado de Gallo, onde suprimira a medida com a qual se pesava o imposto em farinha. Mais uma vez é levado a julgamento e condenado a três anos de prisão, dos quais cumpre apenas um. Passaria mais tarde muitas temporadas na cadeia. Quando se tornou um nome conhecido nos ambientes anarquistas, consegue burlar um mandato de prisão decretado em Florença escondendo-se num barco, oculto numa caixa que também continha uma máquina de costurar. Chegaria à Argentina com o passaporte plebeu de clandestino, junto a outros quatro camaradas. Era o ano de 1885. Em Buenos Aires entra em contato com anarquistas italianos estabelecidos ao redor do Círculo Comunista Anárquico, e quase imediatamente reinicia a publicação de *La Questione Sociale*, que era distribuído gratuitamente e do qual foram editados catorze números. Nesta cidade trabalhou, no início, como mecânico eletricitista na oficina de seu companheiro Francesco Natta, e depois na produção de vinhos. Permaneceria na Argentina até 1889. Durante toda sua vida, cuja metade se passou em prisões, exílios e detenções domiciliares, Malatesta destacou-se por seu sentido prático e sua capacidade organizativa e publicista. Nunca foi um sonhador: sempre acreditou que a vontade humana era mais importante que a “inevitabilidade histórica” da revolução e que nenhum enquadramento utópico poderia substituir a análise precisa das conjunturas históricas. Sem dúvida, ele também se enfiou Patagônia adentro.



## Geografia espiritual

Bússolas, teodolitos e astrolábios são imprescindíveis para cartógrafos e exploradores; também para proprietários de terras e governantes. Não obstante, a terra também foi uma cavidade moldada por caravanas nômades, expedições perdidas, errâncias, diásporas, odisséias e êxodos. O espaço físico não é um dado material constante; ao contrário, é a argila fendida e modificada continuamente pelas leis humanas do espaçamento, em cuja jurisdição regem o esforço e a imaginação tanto quanto a sorte e a reticência da natureza. Na conjunção destas quatro condições abrem-se caminho às expedições de homens solitários ou de tropas organizadas. Assim como alguns adivinham o destino sobre um atlas portuário ou observando a rosa dos ventos, outros avistam o caminho em manifestos ou nos rumores emitidos nas cidades. Entre os homens e as regiões existem secretas correspondências que o cartógrafo faria bem em atender: paralelos insuspeitos, e meridianos caprichosos. Onde localizar a seção áurea, o “corte de ouro” dos pintores renacentistas, que ajude a organizar as proporções de um atlas espiritual? O ar familiar entre humanos e territórios pertence à ordem dos elementos cuja correspondência pode elevar-se à altura de princípio cosmogônico. Essa correspondência “cartográfica” podemos chamá-la *geografia espiritual*, uma ciência que, sem renegar a história ou a economia, torna evidente os passos perdidos, os caminhos esquecidos, as rotas abandonadas, e sobretudo, permite-nos a interseção com atlas imaginários (literários, utópicos, lendários) e com os dramas biográficos. A imaginação se sobrepõe e se imprime na matéria: serve de exemplo a toponímia patagônica, que expõe a transbordante criatividade lingüística de exploradores e pioneiros: o humor e o delírio se unem a uma hagiologia

e a uma simbologia estatal. Inútil consultar os mapas da geografia espiritual por energias cósmicas ou horizontes turísticos novidadeiros, pois neles só ressalta a matéria emocional que um historiador atento deveria resgatar dos escombros, documentos e relatos orais. O bom cartógrafo deve aprender a desconfiar das medições precisas, pois a cada espaço físico corresponde um atlas simbólico. A geografia paralela é a psique da cartografia e também a “anímica” das nações.

Certas extensões do planeta estão filiadas entre si, por guardar curvas, entradas e paisagens que nenhum homem jamais viu. Entretanto, não são os primeiros homens os inimigos das terras virgens, mas o Estado. O explorador sempre foi um Emissário do Verbo: nomeia os rios, classifica a flora e batiza os confins; mas o agrimensor, notário estatal, mede, calcula e diagrama o terreno. Não obstante, os exploradores, os misantropos e os réprobos chegam antes. A Patagônia, inclusive até os dias de hoje, carece de história; somente dispõe de *histórias*, que o sistema pedagógico nacional esquiva prolixamente e que só podem ser resgatadas dos rumores que o vento levou. A de Malatesta é uma de tantas outras. As dimensões da cartografia povoada de *histórias* devem projetar-se a escala humana, levando em consideração o modo como a geografia atuou sobre o destino dos que ali incursionaram, menos como condição topográfica ou econômica, mais como “iniciador” de tarefas ou como “equacionador” de forças anímicas em tensão. O drama pessoal e o meio ambiente onde este se desenvolve conformam as duas pernas do compasso que traçam os arcos espirituais desta geografia paralela. Homens como Malatesta, Orllie Antoine ou os colonos galeses queriam confirmar que nas grandes extensões havia liberdade. Não uma liberdade metafísica. Aqui é necessário inventariar em benefício do inventário a

geometria defeituosa: falta cadastro, fronteira, demarcações, praça, sinalização. Mas à liberdade geográfica perfeita, que é polar, a natureza não lhe é propícia. Promover o lirismo da liberdade expedicionária ou a nostalgia dos pioneiros e outros homens de fronteira torna-se inoportuno, pois se estes exemplos servem de algo, é para pensar no impulso centrípeto dos últimos cem anos, isto é, a crescente escassez da capacidade humana para anelar e imaginar liberdades. Ao contrário, a preferência por lugares lendários de índole acéfala adorna nosso olhar de maneira a poder avistar a fenda na armadura, a babeira no elmo, o esgar grotesco da cabeça coroadada.

Cada nação tem seus próprios territórios lendários, cujos meridianos e paralelos seria inútil determinar em forma positivista. O Brasil dispõe de seu Amazonas; a África do Norte, de seu Saara; a Rússia, da Sibéria; a Índia, do Himalaia; o Canadá, do Yukon. A Argentina tem sua Patagônia. E a cada uma destas regiões de lenda correspondem “tipos caracterológicos”: o exilado à Sibéria; o tuareg ao deserto; o alpinista ao Himalaia; o seringueiro ao Amazonas; o buscador de ouro ao Yukon e o pioneiro à Patagônia. A cidade não oferece este tipo de vistos às vocações de seus habitantes; apenas os *tickets* imprescindíveis para lubrificar a circulação urbana. Por fim: a globalização midiática, financeira e tecnológica fez com que todas as grandes cidades do mundo se replicassem mutuamente.

### **Ouro e anarquia**

O arame farpado e os decretos de criação de governanças são as conseqüências forçosas do povoamento pioneiro, prévio e desordenado, de um território. Muito mais tarde, exploram-se as riquezas “naturais”

da região. Mas este tipo de isolamentos, antes de ingressar nas relevâncias estatísticas e nos atlas fiscais de um país, apenas ofereciam *uma* riqueza, para a qual se dirigem, desde antanho, enxames de desfavorecidos pela roda da fortuna. Ainda mais do que a fome ou do que a procura de “oportunidades”, mais ainda do que o êxodo forçado pela guerra civil ou pela perseguição religiosa, foram os metais os que desde os primórdios regeram as migrações humanas. Uma história do nomadismo evidenciaria um mapa dos deslocamentos de ferreiros e metalúrgicos da Idade do Ferro em diante. Ao norte do Canadá como ao sul da Argentina, o ouro hibernou durante séculos, mas quem busca a Cidade dos Césares cedo ou tarde encontra os detritos de suas ruínas. De qualquer modo, a história das grandes cidades que cresceram sob o amparo de uma única exploração é a mesma história das efêmeras febres do ouro. Essas cidades se erguem, declinam, são abandonadas e esquecidas. Samarkanda, Petra, Timbuctú, Potosí, Nantuckett, Iquique, Manaus. Povoados de acampamento, de estrada, dormitório, povoados fantasma.

Em 1882, alguns colonos galeses descobriram ouro num lugar próximo ao rio Chubut, no Vale do Tecka. A notícia chega meses depois a Buenos Aires. Em Chubut, na verdade, foi encontrada apenas uma substância chamada pirita, metal resplandecente sem valor algum, chamado “ouro de tolo”. Não houve tempo para organizar uma corrida de aventureiros para a Patagônia, mas muita gente atinou. Quatro anos depois, em 1886, anuncia-se que no Cabo Vírgenes (atual província de Santa Cruz, então Território Nacional da Patagônia), muito mais ao sul, havia ouro em quantidade considerável. Malatesta, anarquista foragido, entusiasma-se com a notícia e com três comparsas<sup>1</sup> constrói *soviets* no ar. Ouro: com esse objetivo, viajou Errico Malatesta ao ex-

tremo sul da Patagônia. O que faziam quatro anarquistas escavando a Patagônia em busca de ouro? Malatesta liderara um par de revoltas fracassadas na Itália — previa destruição de formulários fiscais e símbolos municipais — que o forçaram a fugir para o exílio. Em Buenos Aires, inicialmente, procurou estimular a ação gremial com parques pobres. Era ainda um homem jovem, que mal falava o espanhol, e que estava encalhado neste porto longínquo; e, sendo desaconselhável o retorno à Europa, considerava que nada perdia tentando encontrar seu peculiar *El Dorado*, com o honesto fim de financiar uma imponente revolução mundial com lingotes patagônicos. A imaginação dos revolucionários costuma impulsioná-los tanto a esplêndidas auroras, quanto ao disparate e à catástrofe. As aventuras auríferas do século XIX abrigaram numerosos utópicos e carbonários: à febre do ouro da Califórnia acorreram muitos fugitivos da frustrada revolução francesa de 1848. Mas a febre do ouro dos anarquistas italianos duraria apenas um instante: a expedição terminou num beco sem saída. Os distritos auríferos estavam majoritariamente sob o controle de uma companhia exploradora, à noite a temperatura caía para 14 graus negativos, havia pouca esperança de encontrar outra região de bom rendimento e chegou o momento em que os revolucionários se cansaram de sobreviver caçando as lontras do mar. Sete meses depois de sua chegada, em pleno inverno, os anarquistas decidem abandonar a região, depois de aventuras nada promissoras: quase morrem de fome e acabaram sendo resgatados como naufragos por uma embarcação e aportados no povoado de Carmen de Patagones, na província de Buenos Aires. Na cidade de Buenos Aires, Malatesta se dedica a atividades propagandísticas, e outro dos falidos prospectores mineiros, Galileo Palla, a falsificar dinheiro. Os meses passados no sul constituíram um excêntrico

episódio na vida do tão sensato revolucionário. Quando Malatesta, meio morto de fome, regressa a Buenos Aires, profere conferências em italiano na Libreria Internationale de E. Piette, no Círculo Operário de Estudos Sociais, e no saguão do Clube Vorwärts. Em 1887, ajuda a organizar o primeiro sindicato argentino moderno: a Sociedade de Resistência dos Operários Padeiros<sup>2</sup>, para a qual redige seus estatutos. Em 1888, participaria da primeira greve de padeiros do país, que durou dez dias, e acabou triunfante. Um ano depois, regressa à Europa, onde mais tarde lideraria o movimento anarquista italiano, depois de passar incontáveis dias no cárcere em muitos países. Ao morrer, em 1932, tinha passado anos em prisão domiciliar imposta por Mussolini.

## A febre

Às vezes, a geografia prega peças pesadas aos estadistas: o ouro do Yukon se encontra a escassos quilômetros do Alaska, território norte-americano. Entretanto, sempre há compensação para os poderosos: décadas depois descobriu-se *ouro negro* no Alaska. E antes ainda, os russos prosperaram com a carne da baleia e com as peles dos grandes roedores e veados. Porém, ao populacho, aos mendigos, aos párias e ao proletariado somente lhes resta recorrer à sorte e à ilusão. Muitas vezes isto acaba em desvario: o ouro e a febre são siameses inseparáveis. *A corrida do ouro*, filme do comunista Charles Chaplin sobre o *rush* do ouro do Yukon, e o livro do anarquista B. Traven (Rett Marut) *O Tesouro de Sierra Madre*, do qual John Houston dirigiu sua versão, são duas indagações desoladoras sobre as consequências que traz consigo essa droga em pó. Muitos que peregrinaram ao Yukon morreram de fome durante

a travessia para o norte gelado, e os que ali ficaram retornaram ao antigo ofício da caça e ao comércio de peles. Na Patagônia, o ouro apenas dava para sobreviver e extrai-lo custava um trabalho extenuante. Contudo, o ouro encontrado nas regiões auríferas é “ouro de tolo”, pois na história centenária das febres do ouro poucos ficaram ricos de verdade. A maioria apenas encontrava as pepitas suficientes para subsistir ociosos por alguns dias, para depois voltar a transitar pelas águas do rio. O único lugar da Patagônia onde se encontrou ouro com fartura foi na ilha de Terra do Fogo. Dali, na década de 80, o extravagante romeno Julius Popper extrairá uma boa quantidade, disporá de um pequeno exército próprio, emitirá moeda e selo até que sua morte prematura lhe evitaria as escaramuças habituais com o governo argentino. Em Santa Cruz, o único ramo seguro e promissor é o da criação de carneiros. Mas o velocino não é de ouro.

No final das contas, nos fornos de pão, a massa de farinha fica dourada.

### **Em letra de forma**

Cada uma das expedições teve seu cronista. Ao general Roca corresponde toda a história oficial, e em particular os comunicados de guerra da campanha militar enviados a Buenos Aires. Seu partido político editará um jornal, *La Tribuna*. Atualmente, o nome de Roca repete-se em todas as placas de rua de uma das mais importantes avenidas da cidade de Buenos Aires e seu rosto ilustra a nota de 100 pesos, a mais valiosa das notas argentinas. Não é surpreendente: a toponímia do território assim como os monumentos urbanos e a efígie gráfica obrigatória são privilégios dos Estados. Mas a monetária constituirá, sem dúvida, uma glória efêmera:

na Argentina a inflação costuma devorar o valor da moeda com muita rapidez.

Malatesta deixou um breve testemunho<sup>3</sup>, e mais tarde seu biógrafo, Luigi Fabbri, contará a aventura aurífera num capítulo de sua biografia sobre o revolucionário italiano<sup>4</sup>. O Rei Orllie Antoine I foi obrigado a ser o escriturário de suas atas, engrandecendo os fatos de seu fiasco imperial em francês, num livro intitulado *Orllie Antoine I, roi d'Araucanie et de Patagonie. Son avènement au trône. Relation écrite par lui même*<sup>5</sup>. Cinquenta anos mais tarde, o fazendeiro Armando Braun Menéndez seria o primeiro a se ocupar de recuperar e ajustar a história grotesca do Rei, e alguém rodaria um filme<sup>6</sup>. No tempo transcorrido entre seu primeiro retorno forçado à França e sua segunda viagem à Patagônia, Orllie Antoine publicou intermitentemente um jornal em Marselha destinado a defender sua causa, *La Corona de Acero*, uma espécie de boletim oficial de um reino inexistente. Lewis Jones, em galês, escreveu a história dos colonos, *Una Nueva Gales en América del Sur*, traduzida para o espanhol apenas na década de 1960. Mas antes fundaria o jornal *I Dravod* (“A Verdade”), editado em galês no Chubut, crônica diária da experiência dos colonos.

Mesmo quando as biografias, os jornais facciosos e os testemunhos foram esquecidos, estas lendas ainda subsistem em outros estilos e formatos. Sabe-se que nas mesas de bares circula um curioso anedotário sobre personagens e eventos apenas conhecidos. Tudo isso acaba em “conversas de bar” ainda que, às vezes, transforme-se também em sopa literária, matéria-prima de escritores. Roberto Arlt deve ter escutado a história do fracasso da expedição de Malatesta em algum bar portenho. São conhecidas suas simpatias pelo acratismo. Malatesta, que em sua maturidade seria co-



nhecido como o “Lênin da Itália”, nunca soube que sua anedota biográfica faria parte da novela *Los Siete Locos*, transmutada sob a forma de um personagem que se propõe financiar a revolução mundial com uma rede de prostíbulos.

### Tragédia

Em 1921, a Patagônia seria o cenário de um dos dramas mais conhecidos da epopéia anarquista. Esse episódio trágico garantiu à região seu aparecimento no atlas histórico da revolução. Nas greves e revoltas ocorridas no Território de Santa Cruz morreram mais de mil trabalhadores. Mesmo assim, a Patagônia atrai a imaginação libertária até os dias de hoje. Osvaldo Bayer, cronista daquelas epopéias anarquistas de 1920 e 1921<sup>7</sup>, exigiu em 1996 a independência da Patagônia<sup>8</sup>, proposta que lhe rendeu o desafeto do Senado Nacional, e a ameaça de ser declarado *persona non grata*. Mas, pensando melhor, é inevitável que encontremos anarquistas em todos os aprisionamentos febris da história. Na Febre do Ouro, lá estavam. A terra prometida é sempre Terra Nova, e os primeiros que ali chegam logo descobrem que andaram a passos demasiado rápidos que os levaram demasiado longe e que é tarde para voltar atrás. Ironicamente, os anarquistas, quando ainda eram perigosos, costumavam acabar no presídio de Usuahia, instituição que maculou a Terra do Fogo com o mote sinistro de *A Sibéria Argentina*, a fria *Ilha do Diabo*<sup>9</sup>.

### Seqüelas

Em 2 de abril de 1982, o exército argentino iniciou abruptamente a conquista do único pedaço de solo patagônico que cem anos atrás ficara fora de seu alcan-

ce. Logo no início da Guerra das Malvinas, a coletividade galesa do Chubut tomou imediato partido da causa argentina. Não foram as três gerações nascidas na Patagônia as únicas causas que motivaram essa preferência política e subjetiva. Os galeses ainda lembravam a antiga opressão de Gales pelos ingleses, que inclusive chegaram a proibir o uso público dos nomes próprios escritos em galês, condição que só recuperariam ao pisarem solo argentino. Por sua vez, os escassos grupos anarquistas locais se constituíram num dos pouquíssimos grupos do arco da esquerda local a se manifestar contra a guerra. Nessa época, no mesmo momento em que a armada inglesa navegava para o Atlântico sul, um pequeno navio deslizou pelo Canal da Mancha em direção às Ilhas do Canal, sob soberania inglesa. Na madrugada, o herdeiro atual do Reino de Araucania e Patagônia, junto com um pequeno séquito, fincou a bandeira do Reino na praia da Ilha Guernsey. O rei no exílio francês decidira protestar contra a tentativa inglesa de invadir suas “Illes Malouinas”, as quais considerava um apêndice insular de seu enorme ainda que proibido império.

Muito antes, e na mesma época em que Malatesta buscava ouro na Patagônia, o Presidente Julio Argentino Roca dirigiu-se caminhando, ao lado de todos seus ministros e seguido pela escolta militar, até o Congresso da Nação. Pouco antes de entregar o comando a seu concunhado Miguel Juárez Celman, deveria inaugurar o XXVI período de sessões do Parlamento Argentino. Ali proferiria a cíclica e tradicional mensagem ao país. Era 10 de maio de 1886. Nessa época, o Congresso funcionava numa mansão que pertencera à família Balcarce e que depois seria a sede do Banco Hipotecário Nacional. Eram três da tarde. Nesse momento um anarquista chamado, paradoxalmente, Ignacio Monjes, saiu da multi-

dão e se lançou contra Roca, ferindo seu rosto com uma pedra. Enquanto Roca cai no chão, Carlos Pellegrini, seu ministro de guerra e futuro presidente, derruba o atacante. O ferimento era leve, e já no Congresso o ministro da saúde, Eduardo Wilde, encarregou-se dos primeiros cuidados e fez um curativo. Apesar do desalinho cerimonial, Roca proferiu sua mensagem ao país. A cena foi imortalizada num quadro que até hoje pode ser visto no Salón de los Pasos Perdidos del Congreso. Ignacio Monjes passaria dez anos de sua vida no cárcere. Sesenta anos depois, Laureano Riera Díaz, último dirigente anarquista do Sindicato dos Padeiros, uma vez perdida a condução do grêmio, viajou com vários companheiros de idéias para Barcelona. Era o ano de 1936 e na Catalunha não só os padeiros eram anarquistas; a cidade inteira estava ornamentada de bandeiras vermelhas e negras.

## **Gastronomia**

Aqueles que se embrenham num território desconhecido devem passar ainda por mais uma prova, e uma das mais básicas: a prova da fome. Muitas vezes comer e sobreviver tornam-se verbos homônimos. A comida — salvo no caso do exército organizado de Roca — não era garantida aos pioneiros, ao rei sem coroa, nem aos anarquistas. De cada uma das quatro expedições à Patagônia cabe destacar sua derivação gastronômica, que depois de tudo seria a única permanente. De antigos impérios e de linguagens que alguma vez se falaram em enormes extensões, hoje somente restam suas ruínas e suas ininteligíveis escrituras. Entretanto, seus costumes culinários sobreviveram às posteriores reorganizações geopolíticas e na população, que, ao mesmo tempo, pôde mudar seus deuses, sua tecnologia e seu alfabeto. A

relação entre uma cultura gastronômica e o território onde ela se desdobra é determinada pela quota de animais e vegetais que no momento da criação lhes fora oferecida como quinhão. Também pelo clima benévolo e a vontade de aprendizagem e metamorfose de um povo. Mas aqueles que caminham também o fazem a mercê de seus provimentos, da bondade dos desconhecidos, e da sorte.

Sem dúvida, os colonos galeses viveram do que em Chubut semearam e colheram e, também, Orllie Antoine e os anarquistas viram-se obrigados, em algum momento de suas travessias, a recorrer à caça e à pesca, e talvez saciaram a fome com um bife de *guanaco* ou com um pedaço de *picanha* de avestruz<sup>10</sup>. Porém, todos eles inovaram em matéria de gastronomia. Artemio Gramajo, auxiliar de campanha do General Roca em sua incursão pela Patagônia, inventou para seu chefe o único prato aceito atualmente nos mais finos restaurantes parisienses como autenticamente argentino: o *Revuelto Gramajo*, batizado a partir de seu sobrenome. Enquanto os soldados eram obrigados a mastigar sua porção diária de charque, a carne seca com que se alimentavam as tropas, Roca se deliciava, dentro do que as circunstâncias permitiam, diante de um prato superior. O *revuelto gramajo*, mistura de batata-frita, ovo, cebola, alho, presunto, ervilha e especiarias é, até hoje, um prato prazerosamente aceito pelas crianças e adolescentes argentinos. A colônia galesa do Chubut transmite ainda às novas gerações a receita da *Torta Galesa*. Originariamente vinculado às festas de casamento, este bolo, firme e enfeitado interiormente de frutas secas, é uma das típicas oferendas turísticas da região. Quando um casal galês se unia em matrimônio, comia apenas um pequeno pedaço do bolo e guardava o restante numa lata fechada hermeticamente, que era novamente aber-

ta nos aniversários seguintes, como prova confirmatória da força e duração do vínculo amoroso. É uma dieta possível para apaixonados, mas decididamente insuficiente para um rei.

Gustave Laviarde D'Alsen era o nome de um dos substitutos de Orllie Antoine I, e seu primo em segundo grau. Fora designado como sucessor, e com a morte do fundador da dinastia assumiu o cetro, adotando o nome de Aquiles I. Antes já se arrogava outros títulos nobiliários que lhe foram conferidos pelo Rei da Patagônia: o de Príncipe dos Aucas e Duque de Kialeú. Apesar de outorgar — e a granel — títulos nobiliários de seu impossível reino de ultramar, Aquiles I nunca saiu de Paris. Em seu desterro parisiense, longe das riquezas exploráveis de seu reino, e enquanto denunciava continuamente a usurpação de seus territórios nas mãos dos governos do Chile e da Argentina, o novo monarca se viu obrigado a terminar seus dias como comensal assalariado de *Le Chat Noir*, cabaré de moda na década de 1890, onde oficiava a modo de *urso carolina*, isto é, de número “sensacional” para os clientes. Ao morrer, em 1902, já reinava havia um quarto de século sobre um mapa que apenas uma seita consultava, e em cujo centro estava marcada *Mapú*, a aldeia indígena que fora eleita como capital por seu predecessor.

Em 1889, Errico Malatesta abandona a Argentina, deixando atrás o combativo Sindicato dos Padeiros, que ele ajudara a organizar. Além de pão, nas padarias argentinas vendem-se também os confeitos matinais que os portenhos tomam com maior freqüência no seu café da manhã, as *facturas*, de gosto doce e assadas a partir de uma mistura de farinha, fermento e manteiga. Algumas delas são de origem européia, mas na Argentina adquiriram formas singulares e apelidos sugestivamente blasfemos. Talvez a mais conhecida delas, a *media luna*,

permita entender o sentido sarcástico desses nomes. Quando, em 1529, Viena foi sitiada por muitos meses pelos exércitos turcos, os confeitheiros locais, com a finalidade de avivar o ânimo abatido da população, tomaram o emblema dos sitiadores, a meia lua muçulmana que flamejava nas bandeiras do acampamento inimigo, e as moldaram em seus fornos de pão. Depois, o populacho se fazia notar discretamente nas muralhas da cidade diante dos irritados soldados turcos mastigando seu símbolo sagrado. Blasfêmia e gastronomia. Por sua vez, estas mostras da confeitaria argentina levam por nome *cañones*, *bombas*, *vigilantes*, *bolas de fraile*, *suspiros de monja* e *sacramentos*, para escárnio do exército, da polícia e da igreja respectivamente<sup>11</sup>. Haveria uma secreta conspiração dos padeiros de idéias anarquistas para dar nomes blasfemos às *facturas*? Cabe conjecturar: o vínculo entre palavra e comida parece ter sido costurado com linha de coser ideológica. O sindicato dos padeiros foi conduzido por dirigentes anarquistas durante várias décadas.

Os usos gastronômicos que legaram as quatro expedições resultaram da nostalgia (a *Torta Galesa*), do fracasso (a refeição semanal no *Le Chat Noir*), da urgência (o *Revuelto Gramajo*) e da vontade de protesto (as *Facturas*). Passado o tempo, os habitantes atuais de Buenos Aires já não reconhecem nos nomes dos doces que costumam degustar pelas manhãs sua malícia inquietante, pois raramente pensamos o vínculo entre nome e forma, entre palavra e coisa, menos ainda a relação entre origem político-lingüística e costume gastronômico. As palavras costumam ossificar-se no uso cotidiano, e aquilo que no passado foi escândalo, hoje é rotina. Por sua vez, o anarquismo argentino ficou reduzido a um mínimo caudal político e sua repercussão política é muito escassa. Mas, sem dúvida, cada vez que

mordemos uma *factura*, o som crocante do que em outros tempos fora sarcasmo sedicioso popular range entre os dentes.

## Notas

<sup>1</sup> Galileo Palla, Cesare Agostinelli e outro, de sobrenome Meniconi.

<sup>2</sup> Existia um sindicato de tipógrafos desde a década de 1870, organizado segundo modalidades mais clássicas, semelhante às organizações gremiais que forneciam ajuda mútua e formação profissional.

<sup>3</sup> Foi publicado como prólogo do livro de Max Nettlau. *Errico Malatesta. La vida de un anarquista*. Buenos Aires, Ed. La Protesta, 1923.

<sup>4</sup> Luigi Fabbri. *Malatesta*. Buenos Aires, 1954.

<sup>5</sup> Publicado em Paris em 1863. Antes de morrer voltaria a tentar uma alegação em favor de seu reino, *Araucanie*, publicado em Bordeaux em 1878.

<sup>6</sup> *El reino de Araucanía y Patagonia*. Buenos Aires, EMECE Editores, colección “Buen Aire”, 1936. É curioso que Braun Menéndez, membro de uma das três famílias mais ricas da Patagônia, contara a história do rei pobre. O filme chamou-se *La película del Rey*, lançado em 1986, e dirigido por Carlos Sorín, com roteiro dele e de Jorge Goldemberg.

<sup>7</sup> Osvaldo Bayer. *La Patagonia rebelde. 4 volúmenes*, edición revisada y aumentada. Buenos Aires, Ed. Planeta, 1982-2000. A edição original chamava-se *Los vengadores de la Patagonia trágica*, editada em três volumes por Ed. Galerna, em Buenos Aires, 1974-1975, e cujo quarto e último volume foi editado, já no exílio de Bayer, na Alemanha, em 1978. Do livro, fez-se uma versão cinematográfica em 1974, que seria proibida naqueles anos: *La Patagonia rebelde*, dirigida por Héctor Olivera, com roteiro de Bayer e Olivera.

<sup>8</sup> Numa entrevista realizada na efêmera seção “Patagônia” do jornal *Página/12*.

<sup>9</sup> O presídio funcionou até finais dos anos 1950. O anarquista mais famoso que lá esteve confinado foi Simón Radowitzky, que executara o chefe de polícia Coronel Ramón Falcón, e que seria protagonista de duas frustradas fugas. Muitos outros anarquistas permaneceram anos nesse lugar. Mas também ali estava um preso enlouquecido conhecido como “O Rei das Finanças”, que realizava rocambolescas e inimaginárias especulações financeiras que faziam afluir à sua cela milhões de dólares todos os dias para divertimento dos turistas ocasionais. A história da via-crúcis de Radowitzky foi contada por Osvaldo Bayer em seu livro *Los anarquistas expropiadores*. Buenos Aires, Ed. Galerna, 1975. E a história

do planejamento das duas fugas de Radowitzky, a cargo de Juan Arcángel Roscigna, foi filmada recentemente, no Uruguai, num documentário intitulado *Acratas*.

<sup>10</sup> São dois pratos tradicionais da região patagônica, ainda que a caça do *guanaco*, camelídeo sul-americano, e do avestruz, com cujo peito se confecciona a *picana*, estejam atualmente proibidas.

<sup>11</sup> Em alguns lugares da Argentina existem *facturas* com nomes equivalentes. Por exemplo, em Venado Tuerto, Província de Santa Fé, come-se a *jesuíta*.

## RESUMO

*A Patagônia argentina é o espaço onde se entretecem histórias que respondem à História pela invenção de quatro pontos cardiais que não são nem a origem nem a referência de começos, mas tempos dos quais emergem vontades que desenham topografias de liberdade e de autoridade. Vontades potencializadas em escritas e práticas que percorrem lembranças e nos mostram uma discreta mas certa eloquência das coisas, dos lugares e da gastronomia.*

## ABSTRACT

*A Patagônia argentina é o espaço onde se entretecem histórias que respondem à História pela invenção de quatro pontos cardiais que não são nem a origem nem a referência de começos, mas tempos dos quais emergem vontades que desenham topografias de liberdade e de autoridade. Vontades potencializadas em escritas e práticas que percorrem lembranças e nos mostram uma discreta mas certa eloquência das coisas, dos lugares e da gastronomia.*